



R E V I S T A
D I A K O N I A

“SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR.”



Visitação Pastoral

E X P E D I E N T E

EDITORES Adriano Gama
Elienai B. Batista

REVISÃO Ester Conceição dos Santos
Arielle de Eça

PROJETO Thiago A. Nunes
GRÁFICO

EDITORIAÇÃO Thiago A. Nunes

WEBSITE Israel F. B. Batista

FALE contato@revistadiakonia.org
CONOSCO

A revista Diakonia é uma publicação mensal do Instituto João Calvino. Os pontos de vista expressos nesta revista refletem os juízos pessoais dos autores, não representando necessariamente a posição de seus editores. Os direitos de publicação desta revista são do Instituto João Calvino. Permite-se reprodução desde que citada a fonte e o autor.

O Instituto João Calvino está localizado na Rua José Veríssimo no. 777, Aldeia, km 8 - Camaragibe - PE.
CEP: 54789-080. joaocalvino.org

Copyright 2018 Instituto João Calvino. Todos os direitos reservados.

S U M Á R I O

ADRIANO
GAMA



EDITORIAL

04

JAMES
VISSCHER



O PRESBÍTERO E A VISITAÇÃO

06

ADRIANO
GAMA



COMO OS PRESBÍTEROS
PODEM TRATAR DE TEMAS
LIGADOS À MASCULINIDADE
BÍBLICA NAS VISITAS
PASTORAIS?

14

JIM
WITTEVEEN



A SUPERVISÃO PASTORAL E A
MESA DO SENHOR

20

ROB
SCHOUTEN



CRISTO EM SEU LAR

27

EDITORIAL

Adriano Gama

Antes de ser ministro da Palavra, eu servi como presbítero durante seis anos. Ao preparar esse editorial confesso que pensei: “*Que bênção ... temos um curso prático para presbíteros diante de nossos olhos! Como eu queria ter essa revista no início de meu ministério de presbítero!*” Explico meu pensamento:

O artigo do Dr. James Visscher, “O Presbítero e a Visitação”, responde muitas perguntas sobre o antes, o durante e o depois das visitas familiares. São instruções e dicas práticas de como presbíteros podem se aproximar dos membros, organizar, executar e tratar os resultados das visitas feitas. Ele ressalta que, pelo fato de serem o meio pelo qual os presbíteros conhecem os membros que estão sob o cuidado deles, as visitas constituem “*uma parte essencial e o aspecto mais importante do trabalho dos presbíteros*”. O principal alvo dessas visitas é lidar “*realmente com a condição espiritual do(s) membro(s)*”. Se não aconteceu isso, a visita “*representa um FRACASSO*”. O artigo explica, estimula e encoraja os presbíteros a cumprirem seu dever de visitar as ovelhas de Cristo a eles confiadas.

No segundo artigo, de minha autoria, pretendo fornecer aos presbíteros orientações práticas sobre como eles podem, nas visitas pastorais, “*tratar de temas ligados à masculinidade bíblica*”. A sociedade e as igrejas sofrem

com a falta de homens bíblicos. A masculinidade bíblica se constrói nos lares dos crentes. Os presbíteros são instrumentos de Deus para ensinar e exortar os crentes a, confiando na graça de Cristo, o Perfeito Homem, preservar a masculinidade, vivê-la, promove-la, ou, resgatá-la. Assim, pretendo que este artigo equipe os presbíteros à tarefa pastoral de ensino e exortação sobre masculinidade.

O terceiro artigo é “A supervisão pastoral e a mesa do Senhor”. Nele, o pastor Jim Witteveen introduz a questão: A quem compete a responsabilidade de decidir o participar da Ceia do Senhor? Sem ignorar a divisão entre igrejas de tradição reformada sobre este assunto, O pastor Witteveen nos faz pensar em três coisas: o significado da Santa Ceia, a posição histórica da igreja, e a evidência bíblica que nos ensina que a supervisão da mesa do Senhor é a responsabilidade da Igreja e seus oficiais. Assim, o pastor Witteveen passa a apresentar os aspectos bíblicos-pactuais, históricos e confessionais que fundamentam e explicam porque os presbíteros não devem permitir o acesso à Ceia para cristãos estranhos à congregação e a fé reformada.

O quarto artigo é uma carta: “Cristo no seu lar”. O autor dela é o pastor Rob Schouten. A carta visava preparar os membros da igreja dele para o tema da nova temporada de

visitações familiares. Pelo menos uma vez ao ano, em igrejas reformadas mais maduras, os presbíteros vão até a casa dos membros para terem, com cada um deles, “uma conversa específica ... sobre sua vida com Deus”. A carta instrui os leitores sobre as características do lar cristão e fornece perguntas que ajudarão essa conversa pastoral.

Enfim, esse editorial não é um lamento meu. É um louvor a Deus. Temos hoje em língua portuguesa o que há 16 anos não pude ter: artigos que ajudam os presbíteros a chegarem mais bem preparados nas casas dos membros, a fim de pastorearem o rebanho de Cristo con-

fiado a eles. A nossa oração é que essa edição auxilie ministros e presbíteros a manusearem corretamente o cajado pastoral, para que as ovelhas visitadas possam ser consoladas por Jesus Cristo, nosso Supremo Pastor e Bispo.

Tenham uma boa leitura.

O Pr. **ADRIANO GAMA** é ministro da Palavra servindo na Igreja Reformada em Colombo - Paraná. Ele é um dos editores do site e da revista Diakonia.

O PRESBÍTERO E A VISITAÇÃO

James Visscher

Introdução

A tarefa de um presbítero nas igrejas Reformadas envolve muitas responsabilidades diferentes. A principal entre elas é o dever de conhecer os membros da igreja que foram colocados sob seu cuidado espiritual e supervisão.

Mas, como conhecê-los? A resposta mais óbvia é que isso envolve o trabalho de visitação. Ele deverá encontrá-los de forma regular, para então conhecê-los como indivíduos e saber as condições espirituais em que estão.

Consequentemente, a visitação pastoral constitui uma parte essencial do trabalho dos presbíteros. Pode-se dizer que, representa o aspecto mais importante.

1. Visitação pastoral

A) A base bíblica para a visitação.

Suas raízes são encontradas em uma série de palavras bíblicas que descrevem a tarefa de um presbítero:

I - “atendei” (At 20.28 – ARA). Palavra grega - “προσέχετε” também traduzida como “olhai” (ARC) ou “cuidem” (NVI). Um presente do imperativo que expressa a ideia de constante vigilância;

II - “bispos” (At 20.28 – ARA). Palavra grega - “ἐπισκόπος” que descreve alguém que seja supervisor; em grego secular, refere-se a alguém que inspeciona as fileiras de soldados;

III - “pastoreardes” (At 20.28; 1 Pe 5.2 ARA). Palavras gregas - “ποιμάνετε, ποιμαίνειν”. Um substantivo e verbo referindo-se ao dever de cuidar ou defender o rebanho, originalmente de ovelha, mas agora de pessoas;

IV - “confiados” (1 Pe 5.3 – ARA). Palavra grega - “κλήρων.” Uma palavra que se refere ao rebanho e àqueles que são responsáveis por ele.

- Todas estas palavras enfatizam que deve haver uma estreita relação entre os presbíteros da igreja e os membros que lhe são designados;

- Esta relação é aquela em que os presbíteros devem conhecer os membros, cuidar deles e de suas necessidades espirituais;

- Para tal relação existir e funcionar bem deve existir uma constante interação entre os presbíteros e os membros;

- Uma das maneiras pelas quais essa interação é facilitada e promovida é por intermédio das visitas regulares;

B) O propósito da visitação regular.

Para promover o conhecimento e relacionamento dos presbíteros com os membros;

Para verificar se os membros estão vivendo da fé no Supremo Pastor ou não (1 Pe 5.4). E aqui nós chegamos ao cerne da questão! Se você visitou e não lidou realmente com a condição espiritual do(s) membro(s), a sua visita representa um FRACASSO. A relação entre as ovelhas e o Bom Pastor tem precedência sobre tudo mais. Faça disto a sua primeira prioridade;

- Para encorajar os membros a viverem vidas de santidade e piedade (1 Tm 2.2);

- Para estimular os membros a crescerem no serviço, sendo mão e pé um para o outro (Rm 12);

- Para incitar os membros a serem sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-16).

C) Preparativos para visitação regular.

- Cada presbítero precisa de uma mentalidade espiritual adequada. Isso significa portar-se como um servo, um embaixador e um pastor;

- Cada presbítero deve reconhecer a si mesmo como dependente do Senhor e mostrar isso orando ao Senhor por sabedoria, amor e discernimento antes da visita;

- Cada presbítero deve fundamentar sua visita em uma passagem bíblica que ele tenha lido, estudado e meditado sobre ela, de forma específica. Cada presbítero deve saber algo sobre os membros que ele está visitando, familiarizando-se previamente com suas idades, estado civil, necessidades especiais e outros detalhes relevantes.

D) O ambiente mais amplo da visitação regular.

Muitas vezes, os presbíteros reclamam que é difícil fazer com que os membros se abram plenamente. E que, quando surgem problemas, eles não são consultados. Todavia, na maioria dos casos, isso acontece por não se conhecerem bem e, por esta razão, os membros hesitam em confiar no presbítero e pedir a ajuda dele. A única maneira de lidar com esse problema é o presbítero trabalhar para desenvolver um relacionamento de conhecimento e confiança com os membros que estão sob seu cuidado pastoral.

Como isso pode ser feito? Uma série de pensamentos e sugestões vem à mente:

- Ao se tornar um presbítero, faça uma visita informal e se apresente aos membros sob sua responsabilidade;¹

- Além da visita anual, faça questão de falar com os membros antes e depois dos cultos e reuniões; anote a data do aniversário e lembre-se de parabenizá-los (seja por telefone, um

cartão ou uma visita), esteja atento a eventos especiais em suas vidas; esteja atento também às crianças e aos adolescentes;

- Seja anfitrião em um churrasco anual ou organize uma festa onde cada um leve algo, em sua casa ou em algum outro local adequado;

- Lidere ou organize um estudo bíblico para os membros.

Lembre-se de que, para um presbítero efetivo, tudo é contato, contato e mais contato.

2. A visita regular do membro ou da família.

a) O visitante.

- Um presbítero entra no lar de um membro como representante de Jesus Cristo. Isso significa que enquanto você vem revestido com Sua autoridade espiritual, você também precisa refletir Seu grande amor, cuidado e compaixão;

- Você deve se esforçar para conduzir sua visita de uma maneira gentil, sábia e piedosa;

- Você precisa entender que também recebeu responsabilidade espiritual sobre esse membro que está sendo visitado. Você terá que prestar contas pela maneira como você lida com ele ou ela;

- Lembre-se de que, como presbítero, seu principal objetivo é ser positivo, ou seja, construir, encorajar e equipar o membro. E mesmo quando palavras de admoestação forem necessárias, sua intenção, em última análise, não é quebrar, mas construir na fé, no amor e na esperança;

- Além disso, nunca se esqueça de que uma boa visita é aquela baseada na caminhada do membro com o Senhor. Ela busca determinar onde esse membro está, espiritualmente, para discutir isso e estimulá-lo em todos os sentidos.

b) O visitado.

- É essencial que, quando os presbíteros visitarem, procurem além dos traços de caráter particular do membro que está sendo visitado, vendo-o como alguém que foi comprado pelo sangue de Jesus Cristo. Apesar de suas peculiaridades e/ou características difíceis de lidar, eles ainda precisam ser amados;

- Um presbítero nunca deve assumir que quando uma necessidade de mudança é identificada na vida de um membro, isso pode ser conseguido apenas pela persuasão ou pressão.

Deve haver uma constante ciência de que a mudança é prerrogativa do Espírito Santo. Isso acontece com a aplicação da Palavra do Espírito à vida e ao coração do membro.

c) A dinâmica da visitação.

- Quando os presbíteros forem visitar, devem fazer introduções adequadas;

- Também não há um mandamento divino sobre qual deve ser a ordem na visitação;

Entretanto, a ordem habitual é:

- Começar com uma conversa amigável;

- Abrir com oração;

- Ler uma passagem da Sagrada Escritura;

- Dar uma breve explicação;
- Discutir a aplicação do texto e direcionar várias questões aos presentes;
- Entrar em uma conversa sobre questões espirituais;
- Fechar com oração.

Outra ordem pode ser

- Começar com alguns comentários casuais;
- Conduzi-los para um tópico espiritual relevante;
- Aprofundar a conversa;
- Concluir com a leitura das Escrituras e uma oração.

d) O que fazer e o que não fazer.

Fazer:

- Vestir-se adequadamente para a visita;
- Orar de forma clara e reverente;
- Selecionar uma passagem da Bíblia adequada à situação;
- Escutar com atenção;
- Fazer perguntas cuidadosamente.

Não fazer:

- Entrar, sentar-se, e sentir-se em casa;
- Começar com uma longa, longa oração;
- Conversar, conversar, conversar;
- Permitir que a conversa se estenda, gastando muito tempo falando sobre o clima ou outras diversões;
- Direcionar toda a sua atenção a uma pessoa, excluindo as outras;
- Persistir com uma determinada questão até que o membro concorde com você;
- Permitir que o(s) membro(s) visitado(s) defina os tópicos, ou desvie o foco da discussão;
- Entrar em debates sobre problemas e reclamações;
- Fazer perguntas que possam ser respondidas com “Sim” ou “Não”;
- Se demorar o suficiente para que as pessoas desejem que você vá embora.

3. Visitando diferentes tipos de membros.

a) Visitação dos membros solteiros.

- Certifique-se de que conhece o estado do membro antes da visita;
- Seja sensível à sua situação e não trate o ser solteiro como um estado inferior;
- Pergunte cuidadosamente sobre como eles veem e lidam com seu estado de solteiro;

- Pergunte sobre seu envolvimento na vida da igreja e estimule o mesmo.

b) Visitação dos Casais Casados (sem filhos).

- Passe tempo extra lidando com a relação deles como marido e mulher;

- Trate a questão da falta de filhos com cuidado e sensibilidade. Mais de um presbítero já se envergonhou admoestando um casal que ele pensava que não queria filhos, quando na verdade eles não eram capazes de tê-los;

- Converse com o casal sobre seus talentos estarem, ou não, sendo usados de maneira frutífera na igreja.

c) Visitação com Famílias.

- Quando as crianças estão presentes, é importante que o presbítero conheça seus nomes e idades. Consulte os registros das pessoas sob sua responsabilidade antes de entrar em suas casas;

- Formule perguntas ou um tópico de discussão para as crianças antes de fazer sua visita;

- Pergunte sobre a relação entre pais e filhos;

- Incentive os pais em seu chamado a cultivar e as crianças em seu chamado para ouvir;

- Depois que as crianças saírem, demore um pouco para discutir o casamento dos pais. Está crescendo ou estagnando? Os pais estão assumindo suas responsabilidades?

d) Visitação ao Idoso.

- Selecione uma passagem bíblica que tenha relação com a passagem do tempo, envelhecimento e morte. O Salmo 71 vem naturalmente à mente como um ponto de partida rico e apropriado para explicação e conversa;

- Pergunte se o seu tempo está sendo bem usado.

- Pergunte se as suas relações com seus filhos, amigos, membros da igreja e vizinhos estão em ordem;

- Encoraje-os a usar algum tempo extra para orar pelas necessidades dos outros.

4. Visitação – Outras Questões.

a) A Visitação e a Comunicação

- Ao relatar sua visita aos presbíteros no Conselho:

1. Seja objetivo e direto;
2. Seja seletivo - nem tudo o que foi dito deve ou precisa ser relatado;
3. Tenha discernimento - apenas questões que precisam do julgamento dos outros presbíteros precisam ser esclarecidas;

- Certifique-se de que seus relatórios sejam mantidos em um local seguro e privado.

b) A Questão da Confidencialidade.

Esta questão surge de várias maneiras:

- Os membros podem compartilhar algumas preocupações especiais ou questões privadas com você;

- Nas reuniões do Conselho, assuntos de natureza altamente sensível podem ser discutidos.

Tais questões precisam ser:

- Mantidas em sigilo;
- Divulgadas apenas em situações muito especiais e únicas;
- Se um presbítero compartilhá-las com seu cônjuge, ele continua a ser o responsável se a confidencialidade for quebrada.²

c) Visitação Sozinho.

Enquanto a norma é que a maioria das visitas deve ser feitas por dois presbíteros, pode haver ocasiões em que uma visita será feita por apenas um presbítero.

Isso pode estar relacionado ao fato de que:

- É de uma natureza mais casual e familiar;
- Foi solicitado pelo membro;
- Foi recomendado pelos outros presbíteros;
- É considerado menos perigoso.

Ainda assim, existem situações em que tais visitas não são recomendadas.

- Não se encontre com um membro do sexo feminino sozinho, ou em um lugar privado;

- Não vá sozinho se a visita tiver o potencial de se tornar controversa ou conflituosa.

d) Visitação Com Outro Presbítero.

- O presbítero que está visitando membros sob sua responsabilidade, normalmente pedirá a outro presbítero para acompanhá-lo;

- Se tal presbítero não tem um grupo de membros sob seu próprio cuidado ou um parceiro específico dentre os presbíteros, é prudente convidar diferentes presbíteros para diferentes visitas. Ele também é aconselhado a acompanhar o maior número possível de presbíteros diferentes. Muito pode ser ganho por meio deste tipo de experiência;

- Se você é um presbítero acompanhante, o presbítero que tem este membro ou família no grupo sob seu cuidado deve dirigir a visita. Não tente assumir o controle ou dominar a discussão. Lembre-se de que seu papel é apenas de apoiar.

e) Visitação com o pastor.

De vez em quando, pode ser considerado necessário ou benéfico, pedir ao pastor que acompanhe uma visita. Situações em que podem ser incluídas:

Casos de problemas pastorais difíceis;

- Reclamações referentes ao ministro;

- A indisponibilidade de outros presbíteros.

f) Visitação ao enfermo.

- Visite antes e depois de uma operação séria, e semanalmente se necessário. Se a vida

de um membro está em perigo, uma visita diária pode estar em ordem;

- Ao visitar o hospital ou a casa, ouça atentamente o membro, com compaixão e não tente dominar a conversa de qualquer forma;

- A visita ao hospital tem seu próprio protocolo:

1. Não se sente na cama do paciente;

2. Não obstrua o trabalho dos médicos e enfermeiros;

3. Respeite as horas e condições de visitas ao hospital;

4. Nunca fale sobre o paciente para outros enquanto ele, ou ela estiver dormindo, ou em coma;

5. Não prolongue a visita a ponto de ser um incômodo.

- Selecione uma passagem adequada da Escritura (Sl 23, 91, e 121 vêm à mente), comente sobre ela e aplique à situação do membro;

- Ore com o membro, com oração centrada em Deus, pessoal e focada;

- Esteja de olho em como o resto da família está lidando com isso e, se necessário, use mais tempo consolando-os e encorajando-os.

g) Visitação ao membro que está morrendo.

- Escutar cuidadosamente é um requisito básico;

- Informe-se sobre a condição médica e o estado espiritual do membro;

- Dirija a conversa no sentido da morte e do sofrimento;

- Pergunte a este respeito se o membro tem certas perguntas, medos ou incertezas;

- Selecione as passagens da Bíblia que apresentam claramente o futuro e a esperança eterna que os crentes têm em Cristo (Jó 19.25-27; Sl 16.7-11, 73.23-26; Jo 11; Rm 8; 1 Co 15; 1 Ts 4.13-18);

- Faça com que seu discurso esteja cheio de esperança e encorajamento;

- Ore por confiança em viver e morrer;

- Lembre-se das necessidades e condições imediatas da família e visite-as se necessário.

h) Visitação ao afastado.

- Fazer contato com eles será o primeiro desafio e, em seguida, organizar um horário e local de reunião;

- Quando se encontrarem, esteja atento a sua própria linguagem corporal. Se expressar de-saprovação logo de cara, a visita está condenada ao fracasso antes de começar;

- Faça tudo o que puder para transmitir a impressão de que você está lá para ajudar e pro-mover o bem-estar do membro;

- Pergunte sobre sua vida, como está indo. Mostre interesse;

- Dirija a discussão à participação fraca ou inexistente do membro na igreja e a sua falta de envolvimento, ou ao seu comportamento não-bíblico.

- Sonde suas causas subjacentes;

- Aplique as Escrituras para consolar e deixar sua luz brilhar sobre a situação;

- Ore com e para o membro, se ele ou ela concordar com isso.

5. A visitação - Um trabalho enriquecedor.

Às vezes, o trabalho de visitação pode ser difícil, mas se for feito com uma dependência humilde, em oração ao Senhor e com um verdadeiro amor e preocupação pelo membro, também se manifestará como um trabalho muito bonito. Não há nada mais gratifican-

te do que agir como representante de Jesus Cristo, o grande Pastor das ovelhas, e trazer Suas palavras de graça, vida e esperança para a vida daqueles que pertencem a Ele.

Notas:

1 Em muitos casos, quando a igreja tem muitos membros, por exemplo, eles são divididos por distritos, ficando cada presbítero responsável por um determinado distrito. [N. do E.]

2 O editor é de opinião de que neste caso, o sigilo já foi quebrado. [N. do E.]

Tradução: Rafael Santos Rosas e Jim Witteveen.

Revisão: Ester Santos.

O Dr. **JAMES VISSCHER** é Ministro da Palavra e dos Sacramentos das Igrejas Reformadas Canadenses (Emeritus).

COMO OS PRESBÍTEROS PODEM TRATAR DE TEMAS LIGADOS À MASCULINIDADE BÍBLICA NAS VISITAS PASTORAIS?

Adriano Gama

Uma “pequena” introdução à responsabilidade pastoral dos presbíteros e às visitas pastorais

Partindo das Escrituras para chegar às casas dos crentes, começo a caminhada dizendo que os presbíteros foram estabelecidos como governantes e pastores da Igreja. Desde o Antigo e continuando no Novo Testamento, Deus estabeleceu na igreja o governo por meio de anciãos. Anciãos foram ordenados para serem pastores em Israel. No Novo Testamento, o Senhor Jesus Cristo, mediante os apóstolos, ordenou anciãos em cada igreja local como pastores dessas igrejas e determinou os requisitos daqueles que poderiam ser eleitos e ordenados ao presbitério. Pelos presbíteros, a igreja do Senhor tem sido protegida, guiada e alimentada com a Palavra de Deus há milênios (Êx 3.16-18; 18.22; Dt 1.15; Js 24.1; cf. Ez 7.26; 34; Ed 5.9; 6.7-8, 14; 10.8; At 14.23; 15.2,4; Tt 1.5; At 20.17,28; Fp 1.1; 1 Pe 5.1-4; 1 Tm 3.1-7).¹

A visitação dos presbíteros à casa dos membros segue um modelo apostólico que foi

perdido e recuperado na Reforma do Século XVI. O apóstolo Paulo disse aos presbíteros da Igreja em Éfeso que, de casa em casa, ensinava a todos os crentes os desígnios de Deus (At 20.20,27). Apesar do referencial apostólico, não há registro da prática da visitação familiar antes da Grande Reforma. Nesta época, a visitação domiciliar foi substituída pela confissão auricular. Desse modo, o cuidado e orientação pastoral se davam, ordinariamente, no confessionário e não nas casas dos crentes.

A Reforma do Séc. XVI condenou como antibíblica a prática da confissão auricular nos moldes da igreja medieval e doutrina papal. Lutero ainda manteve um tipo de confissão auricular. Mas, João Calvino exterminou essa prática da igreja em Genebra e os membros voltaram a ser visitados por um ministro acompanhado de um presbítero. Fora de Genebra, tanto pela Conferência em Wessel (1568) como pelo Pelo Grande Sínodo de Dort (1618-1619), as igrejas reformadas definiram que os presbíteros deviam chegar nas casas para: Encorajar os membros a viver pela Fé;

consolá-los em meio das adversidades; proteja-os contra os erros em doutrina e vida. Esse tríplice propósito é presente nos regimentos e formas de ordenação dos presbíteros das igrejas reformadas até hoje.²

Olhando as páginas do Antigo e Novo Testamento, podemos dizer que os presbíteros são pastores da igreja e que as visitas nos lares são um modelo de pastoreamento bíblico e historicamente reformado.

Que temas ligados à masculinidade bíblica os presbíteros podem tratar nas visitas pastorais?

Os presbíteros precisam entender bem o que é masculinidade bíblica e como identificá-la. Uma definição e marcas da “Masculinidade bíblica” nos são dadas por R. Albert Mohler Jr. em seu artigo “As Marcas da Masculinidade”.³ A definição dada pelo Dr. Mohler é: “... a masculinidade é uma realidade funcional, demonstrada no cumprimento, por parte do homem, de responsabilidade e liderança”. São treze as marcas da masculinidade bíblica destacadas por ele. Elas têm a ver com a maturidade:

1. Espiritual suficiente para liderar uma esposa e filhos;
2. Pessoal suficiente para ser um marido e pai responsável;
3. Econômica suficiente para manter-se num emprego e lidar com o dinheiro.
4. Física suficiente para trabalhar e proteger a família;
5. Sexual suficiente para casar e cumprir os propósitos de Deus;
6. Moral suficiente para liderar como um exemplo de retidão;

7. Ética suficiente para tomar decisões responsáveis;
8. De percepção do mundo suficiente para entender o que é realmente importante;
9. Relacional suficiente para entender e respeitar os outros;
10. Social suficiente para fazer contribuições à sociedade;
11. Verbal suficiente para se comunicar e falar como homem;
12. De caráter suficiente para demonstrar coragem em meio ao fogo;
13. Bíblica suficiente para exercer algum nível de liderança na igreja;

Os princípios que baseiam essa definição e marcas podem ser vistos especialmente em Gn 1, 2 e 3; 1 Co 11.7-9; Ef 5.21-33; 1 Pe 3.7. Os presbíteros, entendendo o que é a masculinidade bíblica e suas marcas, podem planejar a chegada em nossas casas, a fim de tratarmos conosco os temas relacionados à mesma.

Como esse tratamento nas visitas pode ser planejado e executado pelos presbíteros?

Em igrejas reformadas mais maduras há um programa de visita pastoral para o ano. Os membros são visitados em suas casas por, pelo menos, uma dupla de presbíteros (há um princípio e práticas bíblicos para isso: Dt 19.15 e Lc 10.1). Cada dupla tem a imediata responsabilidade por um número de famílias e membros solteiros.

O planejamento das visitas pastorais é responsabilidade do Conselho. Este estabelece a agenda de visita anual e o tema que será tratado pelos presbíteros nas casas dos membros. A agenda dependerá da rea-

lidade de cada igreja. Talvez em uma igreja pequena a programação leve apenas uma semana. Em uma igreja pequena apenas uma semana. O importante é que o conselho planeje a agenda anual que deve ter o seu início, fim e o tema de cada ano. Obedecendo ao propósito desse artigo, o tema da programação do ano é “Viver a masculinidade bíblica”.

Definido o tema, o Conselho pode encarregar o(s) ministro(s) da Palavra de apresentar(em) um estudo e uma proposta de guia com os pontos e perguntas a serem tratados pelos oficiais nas visitas. Esse estudo e guia não é uma bula papal. É um mapa que facilitará o trabalho dos presbíteros para andarem no tema e chegarem ao ponto de capacitar os visitados a viverem a masculinidade bíblica. Além disto, antes das visitas, o(s) ministro(s) pode(m) pregar e ministrar estudos nos cultos, na escola dominical ou reuniões de estudo no meio da semana dentro do tema “masculinidade bíblica”.

Definido a agenda, o estudo, o guia pelo Conselho, a congregação precisa ser comunicada e preparada para o tempo das visitas. O boletim da igreja será muito útil como meio de comunicação. Se for possível podem ser suspensas as demais programações semanais da igreja para que toda atenção, força e orações estejam dirigidas às visitas. Toda igreja precisa ser preparada para o quando, o que será tratado e o fim da programação de visitas.

Cada dupla de presbíteros agenda as visitas com seus grupos. Agendamento é importante e o cumprimento dele mais ainda. É importante o zelo para cumprirem a data e a hora da visita.

As roupas e atitudes dos presbíteros e familiares devem manifestar o caráter espiritual da visita pastoral. Os presbíteros não estarão indo para um churrasco e nem assistir uma partida de futebol na casa visitada. Não significa dizer que não podemos sorrir na visita. Mas, tudo na visita deve deixar claro que o Senhor Cristo, o nosso Supremo Pastor e Bispo, está conosco de modo especial por meio dos presbíteros que veem a nossa casa (Mt 18.20; Lc 10.16; 1 Pe 2.25). Esses cuidados com roupas e atitudes são importantes especialmente se tem crianças na casa. Cabe aos presbíteros e aos visitados manterem esse caráter espiritual da visita.

Nunca consegui fazer uma visita pastoral em menos de 1 hora e trinta minutos. Porém, é bom os visitantes colocarem um limite para começar e terminar a visita (se o tempo estoura, outra visita pode ser agendada para continuar o tratamento do tema). Se tiver crianças na casa, um primeiro momento com elas e depois, para não cansá-las, dispensá-las e ficar apenas com o casal.

O tema será tratado independente se há esposo, meninos ou rapazes na casa – temos a realidade que há lares cristãos governados por mães solteiras ou avós crentes – Todos os crentes precisam ser instruídos e levados a entender que Deus criou homens para serem homens bíblicos. Além disso, o tema dará muita atenção aos homens. O comportamento e responsabilidade deles serão enfatizados. Os homens devem ser preparados para isso para não ficarem constrangidos. Os presbíteros trabalharão também na instrução, na correção e no encorajamento a cada membro para eles bata-

lharem nos seus papéis em prol da masculinidade bíblica.

Supondo que os textos do estudo sejam Gn 1, 2, 3; Ef 5.21-33; 6.4, há boas perguntas para abrirem esses textos e trazerem à luz o ensino dessas passagens. Compartilho sugestões de divisão da visitação em dois momentos e de perguntas a serem feitas:

O momento com toda família. Nesse estágio da visitação é bom deixar os filhos falarem mais, papai e mamãe falam menos e escutam mais:

O que Deus nos ensina em Gn 1.26 sobre masculinidade bíblica?

Quais são as marcas dessa masculinidade?

Quais dificuldades a Queda trouxe para os homens viverem seu chamado de homem?

Quais tentações e desafios Satanás, o mundo e a carne impõem para não vivermos a masculinidade bíblica (egoísmo, homossexualismo, machismo, feminismo etc.)?

Como papai tem mostrado ser um líder bíblicamente masculino que guia, protege e alimenta esse lar?

Por que faltam homens bíblicamente másculos na igreja e o que essa casa tem feito para fornecer verdadeiros homens para servir à Cristo na congregação?

Depois de uma oração com os filhos encerrando o primeiro momento, começa o segundo só com papai, mamãe e os presbíte-

ros. O princípio “primeiro as damas” é importante. As perguntas para a esposa podem ser:

Para o esposo as perguntas podem ser:

Como você reage às respostas de sua esposa e filhos acerca de sua postura como homem bíblico?

Quais são suas necessidades, dificuldades ou fraquezas para você cumprir seu chamado de homem bíblico? Como você tem contribuído para ser um homem bíblico em casa, na igreja e sociedade? Como sua família tem ajudado você a ser um homem bíblico? Especialmente sua esposa tem sido uma auxiliadora para que você seja um homem conforme a imagem de Cristo?

Os visitantes precisam louvar a graça de Deus e encorajar os homens que, apesar de suas fraquezas, dão bom exemplo de masculinidade bíblica. Ao mesmo tempo, de modo amoroso e não moralista durante toda visitação, os presbíteros devem corrigir com exortação os homens que não vivem a masculinidade bíblica e os demais membros da família que não ajudam esses homens a viver o chamado deles.

É importante frisarmos que os presbíteros devem ser amorosos e humildes no trabalho de instrução e correção na justiça. São pecadores instruindo e exortando outros pecadores. As ovelhas devem ser tratadas com amor, pois o Bom Pastor as comprou com o Seu sangue. Esse Bom Pastor é o único homem perfeito presente e louvado na visitação como o exemplo supremo de masculinidade bíblica a ser seguido (1 Jo 2.6). Na visitação,

por palavra e exemplo, fique claro o amor de Cristo e que a instrução e exortações não se baseiam na moralidade e regrinhas dos presbíteros. Essa consciência e ensino afastam dos visitantes a soberba e da visitação o moralismo como instrumento de instrução para os visitados.

Quero terminar com uma ênfase na oração como meio para Deus abençoar o trabalho dos presbíteros. A visitação deve ser iniciada e terminada sob invocação do nome do Senhor por um motivo simples: Os visitados e visitados não tem o poder de tornarem eficaz o trabalho dos presbíteros! Os presbíteros são meros instrumentos nas mãos do Espírito. Quem faz a obra é o Espírito de Cristo. Por isso, os presbíteros oram antes, durante, no fim e depois da visitação pedindo que Deus trabalhe com eles e por meio deles para o bem da família visitada, a fim de que o Espírito Santo, mediante a Palavra de Cristo somente, faça o ensino de Cristo frutificar na vida de cada membro da família, especialmente, na vida dos homens da casa para que estes reflitam a imagem de nosso Supremo Pastor e Bispo, o homem perfeito, Jesus Cristo.

Concluindo:

Espero que o artigo possa ajudar os presbíteros a tratarem de temas ligados à masculinidade bíblica nas visitas pastorais. Oro para que ele possa ajudar os conselhos a planejarem bem as visitas e as executarem de modo que todos os homens e todas as famílias aprendam o que é masculinidade que nos interessa, para que se sintam chamados a estarem juntos com os homens na batalha em favor da masculinidade bíblica; sejam corrigi-

dos e fortalecidos os membros fracos. Os negligentes sejam levados ao arrependimento. E que todos, os visitantes e visitados, vivam sempre na dependência da graça e do poder do Espírito de Cristo, usando os meios da graça para que um exército de homens bíblicos seja estabelecido a partir das casas dos membros da igreja. Acredito que qualquer modelo que vise esses alvos capacitará as famílias, a fim de os homens de cada casa reflitam a imagem de nosso Supremo Pastor e Bispo, o homem perfeito, Jesus Cristo.

Notas:

1 - VanDam, Cornelis – *The Elder: Today's Ministry Rooted in All of Scripture* – P & R Publishing Company – New Jersey: 2009.

2 - O Regimento das Igrejas Reformadas do Brasil (IRB) e da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) definem que é dever dos presbíteros fazer visitas aos membros (Regimento das IRB, Artigos 16 e 22; Constituição da IPB, Art. 51.1a). Além desses documentos, temos as formas de ordenação ao ofício de presbítero dessas igrejas. A Forma de ordenação de presbíteros e diáconos das Igrejas Reformadas do Brasil (IRB), dentre outras coisas, estabelece que os presbíteros devem... “fielmente visitar os membros e congregados da igreja, para confortá-los, instruí-los e admoestá-los com a Palavra de Deus, repreendendo aqueles que não se comportam conforme o Evangelho... (Referências: Mateus 18. 17,18; 1 Tessalonicenses 2.11,12; 5.14 e Tito 1.9).” Na forma de ordenação da IPB é estabelecido que os presbíteros da IPB devem executar bem o “governo, a disciplina e a superintendência das igrejas particulares a que pertencem”. Esses deveres incluem: admissão à Ceia, diligente supervisão da vida e doutrina dos membros, admoestação dos desordenados, proteção da Ceia para que ela não seja profanada, disciplina dos impenitentes, restauração dos arrependidos (ver Manual Presbiteriano, pág. 65-70). Unindo

o Artigo 51.a da Constituição da IPB e lendo os deveres de seus presbíteros, será que podemos imaginar os pastoreamento sem visitas familiares? Sendo assim, podemos perceber que a visita familiar é parte das tarefas de presbíteros presbiterianos.

3 - Mohler Jr, R. Albert, As Marcas da Masculinidade, Ministério Fiel, 10 de novembro de 2008, acessado em 15 de dezembro de 2016, http://www.ministeriofiel.com.br/artigos/detalhes/32/as_marcas_da_masculinidade. Recomendo também a obra do mesmo autor que reforçará o trabalho dos pres-

bíteros para capacitar os membros a se protegerem contra os ataques vindos da nova tolerância sexual: “Desejo e Engano: O verdadeiro preço da nova tolerância sexual” (Editora Fiel - São Paulo: 2009).

O Pr. **ADRIANO GAMA** é Ministro da Palavra e dos Sacramentos, servindo na Igreja Reformada em Colombo - Paraná.

A SUPERVISÃO PASTORAL E A MESA DO SENHOR

Jim Witteveen

Quem deve vir à mesa do senhor? Na maioria das igrejas evangélicas, a resposta a esta pergunta é: “Todos” - ou, pelo menos, todos que professam fé em Jesus. O convite à mesa do Senhor é aberto a cada pessoa que quer participar, talvez com um aviso, ou talvez não. A ideia é que a responsabilidade de escolher quem pode participar na Santa Ceia cabe aos indivíduos que querem participar, não aos oficiais da Igreja. O texto usado para apoiar esta ideia é 1 Coríntios 11.28,29: “*Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si.*” A responsabilidade nestes versos é dos crentes, não dos oficiais da Igreja. Afinal, quem somos nós para obstruir acesso à mesa do Senhor? É a mesa do **Senhor**, no final das contas, não a mesa da **Igreja**.

Neste artigo, vamos considerar três coisas sobre este assunto: o significado da Santa Ceia, a posição histórica da igreja, e a evidência bíblica que nos ensina que a super-

visão da mesa do Senhor é a responsabilidade da Igreja e seus oficiais.

Primeiramente, qual é o significado da Santa Ceia? Nossa sociedade é individualista, e dentro da Igreja, a mentalidade individualista é fruto da influência do evangelicalismo americano. Esse modo de pensar nos diz que somente o nosso relacionamento pessoal com o Senhor Jesus Cristo é importante. A importância dos relacionamentos pactuais, das relações na Aliança, é negligenciadas. A própria igreja não tem muita importância no pensamento da Igreja Evangélica – não é a comunidade que é central, é o indivíduo.

Isso é um problema que muitas pessoas têm em seus pensamentos sobre a Santa Ceia também. A Santa Ceia se torna uma experiência pessoal, e nada mais – uma comunhão pessoal com o Senhor, não com o Senhor e o Seu povo. Neste contexto, 1 João 1.1-3 é muito importante:

“O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os

nossos próprios olhos, o que contemplamos, e as nossas mãos apalparam, com respeito ao Verbo da vida (e a vida se manifestou, e nós a temos visto, e dela damos testemunho, e vo-la anunciamos, a vida eterna, a qual estava com o Pai e nos foi manifestada), o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo.”

João está escrevendo para estabelecer e fortalecer uma comunhão horizontal – uma comunhão entre os crentes, dentro do povo da Aliança – baseada na comunhão que temos com Jesus Cristo. Jesus Cristo morreu, não somente para nos reconciliar com Deus, mais também para nos reconciliar, uns com os outros. Paulo fala sobre isso em Efésios 2.14-16:

“Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos fez um; e, tendo derribado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças, para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade.”

Aqui você pode ver as duas relações – a vertical, e a horizontal. Não é somente a parede entre Deus e nós que está derribada por Jesus Cristo – é também, importantemente, a parede entre as próprias pessoas. Em Cristo, temos comunhão verdadeira – se somos Ju-

deus ou Gregos, escravos ou livres. A parede de divisão não existe mais!

Isso é muito importante no contexto da celebração da ceia do Senhor. Vemos isso em 1 Coríntios 11.20-29:

*“Quando, pois, vos reunis no mesmo lugar, não é a ceia do Senhor que comeis. Porque, ao comerdes, cada um toma, antecipadamente, a sua própria ceia; e há quem tenha fome, ao passo que há também quem se embriague. Não tendes, porventura, casas onde comer e beber? Ou menosprezais a igreja de Deus e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto, certamente, não vos louvo. Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha. Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice; **pois quem come e bebe sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si.”***

O problema era este: **uma falta de unidade** na igreja de Corinto. Os ricos eram comilões, enquanto os pobres ficavam com fome. Eles não estavam expressando verda-

deira comunhão, uns com os outros. Em vez disso, eles expressaram divisão à mesa do Senhor. Porque eles estavam comendo e bebendo, **sem discernir o corpo** de Jesus. Isso não significa que eles não entenderam o que o pão da ceia significava, ou que eles tinham uma sacramentologia errada. O problema era que eles não entenderam que a participação na Ceia é um ato de comunhão pactual, uma expressão de comunhão com os irmãos no corpo de Cristo, **a Igreja!**

A ceia do Senhor é uma **ceia**, não é um lanche que eu posso comer em frente da televisão, sozinho. Um jantar é uma expressão de comunhão. Tradicionalmente, comer juntos é bem importante. Isso é o que Paulo diz em 1 Coríntios 5.11, *“Mas, agora, vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão, for impuro, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; **Com esse tal, nem ainda comais.**”*

Não é simplesmente compartilhar comida. A ceia do Senhor não é somente uma expressão do nosso relacionamento com Deus, mas é igualmente a expressão do nosso relacionamento com os outros membros da Aliança. É uma expressão de unidade, uma expressão de solidariedade, de fraternidade. Nós compartilhamos esta experiência, nós proclamamos o Senhor e a obra consumada por Ele. E um aspecto bem importante desta obra é a unidade que experimentamos agora, nEle.

Então, quem deve participar? Pessoas com as quais nós temos comunhão. Não estranhos. Porque, na realidade, não podemos ter verdadeira comunhão com pessoas que não conhecemos. Além disso, Paulo nos disse que

não devemos comer com pessoas que vivem, explicitamente em pecado – e como podemos saber se uma pessoa está vivendo em pecado se não a conhecemos?

Se expressarmos comunhão com estranhos no ato de comer juntos, estamos expressando uma mentira, uma ilusão, não a verdade. Durante o primeiro e segundo século, as igrejas celebravam a ceia do Senhor no culto privado. Os catecúmenos eram despedidos, e somente os membros da igreja local deveriam participar. O culto estava dividido em duas partes – a primeira parte, incluindo a pregação da Palavra, era aberta ao público. A segunda parte, a celebração dos sacramentos, era aberta somente aos membros.

Apesar da ideia de mesa “fechada,” ou “cercada” não ser popular, hoje em dia, a importância da supervisão pastoral foi ensinada pelos reformadores, e enfatizada nas confissões das igrejas reformadas e presbiterianas – não o culto dividido, mas o sacramento protegido.

Na confissão de fé de Westminster, Capítulo 29, lemos isso:

“Na noite em que foi traído, nosso Senhor Jesus instituiu o sacramento do seu corpo e sangue, chamado Ceia do Senhor, para ser observado em sua Igreja até ao Fim do mundo, a fim de lembrar perpetuamente o sacrifício que em sua morte Ele fez de si mesmo; selar aos verdadeiros crentes os benefícios provenientes desse sacrifício para o seu nutrimento espiritual e crescimento nele e a sua obrigação de cumprir todos os seus deveres para com Ele; e ser um vínculo e penhor da sua comunhão com Ele e de uns com os outros, como membros do seu corpo místico” (I).

E, *“Ainda que os ignorantes e os ímpios recebam os elementos visíveis deste sacramento, não recebem a coisa por eles significada, mas, pela sua indigna participação, tornam-se réus do corpo e do sangue do Senhor para a sua própria condenação; portanto, eles como são indignos de gozar comunhão com o Senhor, são também indignos da sua mesa, e não podem, sem grande pecado contra Cristo, participar destes santos mistérios nem a eles ser admitidos, enquanto permanecerem nesse estado”* (VIII).

No catecismo maior de Westminster, pergunta 168, temos esta definição da Ceia do Senhor:

“A ceia do Senhor é um sacramento do Novo Testamento no qual, dando-se e recebendo-se pão e vinho, conforme a instituição de Jesus Cristo, é anunciada a sua morte; e os que dignamente participam dele, alimentam-se do corpo e do sangue de Cristo para sua nutrição espiritual e crescimento na graça; têm a sua união e comunhão com ele confirmadas; testemunham e renovam a sua gratidão e consagração a Deus e o seu mútuo amor uns para com os outros, como membros do mesmo corpo místico.”

E pergunta 173: *Alguém que professa a fé, e deseja participar da Ceia do Senhor, pode ser excluído dela?*

A resposta: *“Os que forem achados ignorantes ou escandalosos, não obstante a sua profissão de fé e o desejo de participar da Ceia do Senhor, podem e **devem ser excluídos desse sacramento, pelo poder que Cristo legou à sua Igreja, até que recebam instrução e manifestem mudança.**”*

No catecismo de Heidelberg, P.81, somos perguntados: *“Quem deve vir à mesa do Senhor?”*

A resposta diz: *“Aqueles que, em verdade, estão descontentes consigo mesmos por causa dos seus pecados e que, mesmo assim, confiam que eles lhes foram perdoados e que o mal que ainda resta neles está coberto pelo sofrimento e morte de Cristo, e que também desejam fortalecer a sua fé e corrigir as suas vidas, cada vez mais. Mas os hipócritas e os que não se arrependem comem e bebem juízo para si mesmos.”*

E P.81 nós pergunta: *“Esses que por sua confissão e vida demonstram que são incrédulos e ímpios devem ser admitidos à ceia do Senhor?”*

E a resposta: *“Não, porque a Aliança de Deus seria profanada e a Sua ira se acenderia contra toda a congregação. Por isso, segundo o mandamento de Cristo a Seus apóstolos, a igreja de Cristo tem o dever de excluir tais pessoas pelas chaves do reino do céu (a pregação do santo evangelho e a disciplina eclesiástica), até que corrijam as suas vidas.”*

O Regimento das Igrejas Reformadas do Brasil também mostra a responsabilidade que os presbíteros têm quanto à supervisão da mesa do Senhor. Artigo 16, diz que *“os deveres dos presbíteros são: supervisionar a igreja de Cristo, junto com os ministros da Palavra, para que cada membro se comporte em doutrina e vida conforme o evangelho; cuidar da pregação da Palavra, dos cultos, da administração dos sacramentos, do ensino e do evangelismo, fazer fielmente visitas na congregação; exercer a disciplina cristã para que os sacramentos não sejam profanados; zelar, como mordomos da casa de Deus, para que tudo seja feito com decência e boa ordem; auxiliar os ministros da*

palavra com bons conselhos e supervisioná-los em doutrina e vida.”

Artigo 46 do Regimento enfatiza que *“os sacramentos serão administrados somente sob autoridade do conselho, num culto público, por um ministro da palavra, com o uso das formas adotadas por um concílio ou de explicações bíblicas semelhantes às formas”*. E finalmente, Artigo 50 diz que, *“o conselho admitirá a ceia do Senhor membros da congregação que fizeram pública profissão de fé reformada e que mostram uma vida piedosa. Membros de outras igrejas irmãs serão admitidos, com base num atestado positivo sobre sua doutrina e conduta. Lembrando-se de que os outros casos serão decididos pelo conselho local.”* Os presbíteros, administradores da liderança de Cristo no Seu corpo, têm a responsabilidade de supervisionar a celebração da Santa Ceia.

João Calvino escreveu que a Igreja tem a jurisdição na decisão sobre quem pode participar na Ceia. O sacramento, ele disse, não deve ser administrado indiscriminadamente. Os oficiais ordenados têm uma grande responsabilidade nisso. Eles devem viver em *“sã em doutrina e santo em vida”* a fim de não serem privados de autoridade, desgraçando o ministério da Palavra e sacramento.

“É preciso zelar, também, para que a ceia do Senhor não seja profanada pelo fato de ser ministrada indiferentemente a todos. Porque será réu de sacrilégio, como se tivesse lançado o corpo do Senhor aos cães, aquele que dispensar, ciente e voluntariamente, a ceia aos indignos, quando, por direito, deveria dela privá-los. Eis por que João Crisóstomo repreende severamente aos sacerdotes que, por temor dos grandes,

não ousavam negar a comunhão a ninguém. ‘O sangue será cobrado de vossas mãos: se temeis aos homens, eles se rirão de vós, mas se temeis a Deus, os próprios homens vos honrarão.’”

A ordem¹ da Igreja em Genebra concluiu que *“eles que têm o poder para fazer regulamentos na Igreja devem fazer uma regra dizendo que as pessoas que podem participar nessa comunhão devem ser membros aprovados de Cristo.”* Os reformadores levaram este assunto muito a sério. A mesa da ceia é a mesa do Senhor, não a mesa dos indivíduos. É a honra e a glória do Senhor que precisamos promover nessa celebração, não a honra e os sentimentos de ternura dos indivíduos. Quando celebramos a Ceia do Senhor, precisamos explicar claramente e com amor à congregação e aos visitantes por que a participação no sacramento é restringida aos membros da igreja que fizeram uma proclamação pública de sua fé e pessoas aprovadas pelo conselho da igreja. Porque não devemos proclamar uma mentira nessa celebração, e porque a santidade da mesa é tão importante, deve ser protegida.

Então, o indivíduo deve se examinar antes de participar na Ceia. Esta é a mensagem de 1 Coríntios 11. Mas, como indivíduos, examinar **outras pessoas** não é **nossa** responsabilidade ou dever. Calvino disse (*Institutas* 4.1.15):

“É com razão, porque, de fato, não cabe ao alvitre de cada um resolver quem deve ser aceito ou rejeitado. Esse juízo compete à Igreja inteira, na medida em que uma decisão desse tipo não pode ser tomada sem legitimidade, como adiante será visto.”

Assegurar a santidade da mesa do Senhor é o cargo dos supervisores da Igreja, os presbíteros, homens encarregados por Deus fazer isso. O exercício de disciplina é a responsabilidade do corpo inteiro, por meio dos seus oficiais, escolhidos por Deus. A autoridade última é de Cristo. Mas Ele exerce esta autoridade por meio da Igreja que tem uma grande responsabilidade, e deve exercê-la seriamente.

Hebreus 13.17 diz: *“Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros.”* Como membros da Igreja, temos o dever de submeter-nos às nossas autoridades e as respeitar. E nossas autoridades são os líderes de nossas congregações. Pois, eles têm um cargo solene, e são responsáveis pelas almas de seu povo. Eles devem prestar contas pela maneira em que fizeram seu trabalho na Igreja de Cristo. Aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será réu do corpo e do sangue do Senhor. Isso é uma advertência muito grave. Temos de levar isso com muita seriedade.

Como líderes na Igreja, somos pastores trabalhando sob o Grande e Bom Pastor, Jesus Cristo. Ele disse sobre Si mesmo, o Bom Pastor, *“As ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora... O bom pastor dá a vida pelas ovelhas. O mercenário, que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lobo, abandona as ovelhas e foge; então, o lobo as arrebatou e dispersa. O mercenário foge; porque é mercenário e não tem cuidado com as ovelhas. Eu*

sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas” (João 10.3,4; 11-15). Os sub-pastores, servindo O Bom Pastor, devem ser como Ele. Eles devem saber os nomes das suas ovelhas. Eles devem cuidar das suas ovelhas. E um aspecto importante desta parte do trabalho dos presbíteros é a supervisão pastoral sobre a mesa do Senhor.

A pessoa de fora da congregação que quer participar na Santa Ceia pode não ser um lobo vestido com roupas de uma ovelha, pode não ser pecador aberto e flagrante, pode não ser um descrente pagão. Ele pode ser um Cristão sincero e fiel. Mas quem sabe, realmente? Se ele é estranho, desconhecido pelos presbíteros e pelos membros da congregação, se eles não sabem nada sobre o estilo da vida dele, esses líderes tem a obrigação de excluí-lo da mesa.

Isto não significa que os presbíteros estejam dizendo, *“Você não é um verdadeiro Cristão”* e sim, *“Eu não sei se você é verdadeiro Cristão ou não, porque eu não conheço você. Eu não tenho comunhão com você, na realidade, comunhão que é manifestada dentro da Igreja visível. Quando estamos unidos, podemos expressar comunhão genuína. Mas agora, qualquer expressão de comunhão seria uma mentira, e não vai promover a saúde da Igreja, ou de seus membros, ou de você mesmo, ou ainda a unidade da Igreja.”*

Como Cristãos, não queremos ofender ninguém **sem causa**. Não queremos ter a aparência de “exclusivistas,” ou, ainda pior, exclusivistas arrogantes. Não queremos ser

desagradáveis **desnecessariamente**. Porém, algumas vezes, iremos ofender algumas pessoas se quisermos ser fiéis a Deus e ao que Ele quer de nós. Precisamos ser humildes, em todos os aspectos da vida; mostrar amor, em todos nossos relacionamentos. Precisamos falar a verdade, em amor, sempre. Não devemos ser arrogantes, ou orgulhosos ou sectários.

Quando queremos guardar a santidade da Mesa do Senhor, nós não estamos dizendo que somos melhores que qualquer outra pessoa. Na ceia do Senhor, não proclamamos nossa própria bondade, mais a bondade do Senhor. Glorificar Deus é nosso objetivo maior. Fazemos isso quando buscamos fazer todas as coisas em obediência a Ele; a mesa é do Senhor. A ceia do Senhor é um dos meios da graça que Ele confiou à sua Igreja. Devemos ser fiéis na administração desta bênção que Deus nos deu.

A Ele seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém.

Nota:

1 O autor se refere a Ordem Eclesiástica (Ordonnances Ecclesiastiques) que foi escrita por Calvino em 1561. Este livro servia como um regimento para a Igreja Reformada em Genebra. [N. do E.]

Revisão: Ester Santos

O Pr. **JIM WITTEVEEN** é ministro da Palavra servindo como missionário da Igreja Reformada em Aldergrove (Canadá) em cooperação com as Igrejas Reformadas do Brasil.

CRISTO EM SEU LAR

Rob Schouten

Anualmente, os presbíteros fazem ao menos uma visita para cada família. O objetivo dessas visitas é ter uma conversa específica com cada pessoa sobre sua vida com Deus. Você pode prever que esse diálogo gire em torno de assuntos como sua fé pessoal, seu amor por Deus e a maneira como você vive suas convicções cristãs diariamente.¹

Ao visitar a congregação este ano, teremos um foco específico em “Cristo em sua casa”. Como cristãos, nós confessamos que Jesus é o Salvador de toda a nossa vida e isso, definitivamente, inclui nossa vida no lar. Se Cristo Jesus está presente entre nós por meio de Sua Palavra e Espírito, isso exercerá uma grande influência na atmosfera e nas atividades do nosso lar.

Para começar, nós podemos perguntar o que um lar realmente é. Ao contrário de uma casa ou apartamento ou flat, um lar é mais do que uma simples construção. Um lar é o seu próprio lugar no mundo. Ao contrário do ambiente de trabalho e de lugares públicos, o

lar é um local privado. Existe uma separação entre seu lar e o mundo lá fora. Para a maioria das pessoas, o lar é um lugar de conforto e segurança. É onde você come, bebe, dorme e desfruta de momentos de lazer. É também onde você recebe visitas. Se você tem uma família, o lar é onde vocês vivem juntos em relacionamentos de amor, confiança e cuidado.

Cada lar é único. Lares são diferentes por causa do número de pessoas que os compõem e por causa da infinita diversidade entre os seres humanos. As pessoas são diferentes, portanto os lares que formam também são muito diferentes. Todavia, apesar dessas diferenças, espera-se que haja certas semelhanças entre todos lares cristãos. E é sobre estas características típicas dos lares cristãos que os presbíteros desejam conversar com você durante as visitas.

1. A atmosfera geral do seu lar.

a) Você seria capaz de descrever sua casa como um lugar feliz? Se for esse o caso,

mostre-me algumas evidências. Se não, por que não?

b) Que tipo de coisas em seu lar dá indícios de que ele é realmente cristão?

c) Você acha que os não-cristãos seriam capazes de dizer, sem hesitar, que seu lar é diferente do deles? O que saltaria aos olhos deles?

d) Você fica ansioso para voltar para casa? Por que ou por que não?

e) Existe alguma coisa em sua vida familiar que você gostaria que fosse diferente? Em sua opinião, onde a mudança seria necessária?

2. Seu lar como um lugar de culto.

Deus nos convoca ao culto corporativo a cada Dia do Senhor. Ele também nos chama a cultuá-lo em nossa vida diária. Este culto inclui orações e ações de graças, leitura e meditação na Bíblia, e cânticos. Nós podemos pensar nessas atividades como centros de poder para seu lar e sua vida cristã como um todo.

a) **A oração no lar.** A Bíblia chama o povo de Deus a orar com regularidade e perseverança.

i. Você possui um tempo regular de oração? Você ora no início e no fim do dia?

ii. Se você mora com sua família, você também tem um tempo para oração individual?

iii. Você pode nos contar por que tipo de coisa você ora?

iv. Você tem facilidade em abrir o seu coração para Deus ou a oração é difícil para você? Você tem dificuldades em encontrar palavras ao falar com Deus?

v. Você anseia por ter momentos de oração ou isso é um peso para você?

vi. Sua oração é cheia de gratidão? Você reconhece e confessa as bênçãos que Deus tem derramado sobre você?

vii. Você confessa seus pecados a Deus em oração? Você faz isso de maneira específica?

viii. Você ora sobre assuntos importantes como: crescimento pessoal em fé, em amor e em santidade; seu trabalho e sua saúde; o bem-estar das pessoas em sua família; a igreja a qual você pertence; as necessidades dos seus irmãos em Cristo; os oficiais de sua congregação; o trabalho missionário e o evangelismo; e o governo?

ix. Você pode testemunhar que Deus tem atendido suas orações? De que forma as promessas dEle estão se cumprindo em sua vida?

x. Você já pensou em usar as Orações contidas no Saltério de vez em quando?

xi. Você está ensinando seus filhos pequenos a orar?

b) **A leitura bíblica no lar.** A Palavra de Deus é dada para nos ensinar o caminho da

salvação em Cristo e nos equipar para uma vida de boas obras. Conferir um grande espaço para a Bíblia em nossas vidas é um componente essencial da vida cristã.

i. Você poderia compartilhar como a Palavra de Deus é lida em sua casa?

ii. Você segue um plano sistemático de leitura ou faz leituras aleatórias?

iii. Você se acha sem tempo para ler a Bíblia?

iv. Ler a Bíblia é, de fato, uma prioridade para você? Quão importante é ler a Bíblia em comparação com outras atividades agradáveis em sua vida?

v. Você acha que compreende a Bíblia quando a lê em seus devocionais pessoais ou familiares? Há algumas partes da Bíblia que você tem dificuldades de entender? Você necessita de ajuda nessa área?

vi. Você costuma ler livros sobre a Bíblia?

vii. Você costuma ler grandes trechos da Bíblia de uma só vez? Você acha isso benéfico?

viii. Você se considera bem familiarizado com a Bíblia? Você seria capaz de resumir a mensagem da Bíblia para não-cristãos interessados?

ix. Seu conhecimento bíblico está crescendo? Ou você não tem progredido nesse sentido?

x. Se você tem filhos, você se empenha em ensiná-los o conteúdo da Bíblia? Você tem usado as Escrituras para encorajá-los e admoestá-los? Como eles respondem?

xi. No geral, como acha que estão se saindo em relação às promessas feitas no ato do batismo? Existe alguma razão para arrependimento neste sentido? Você precisa orar mais por forças para ser um pai ou uma mãe sábia?

xii. Você lê alguma revista reformada? Você as considera úteis?

xiii. De que maneira você se esforça para maximizar os benefícios dos sermões ouvidos no Dia do Senhor?

xiv. Quando você começou a aprender as lições do Catecismo? Você realmente leva o Catecismo a sério?

xv. Conte-nos sobre seu envolvimento com Estudo Bíblico. O que você vê como benefício do Estudo Bíblico. Você acha que os objetivos do Estudo Bíblico estão sendo alcançados por nossa congregação?

xvi. O que você acha que a igreja pode fazer para melhor te ajudar a crescer no conhecimento da Palavra de Deus?

3. Relacionamentos no lar.

Quando Cristo está presente em um lar por meio de Sua Palavra e Seu Espírito, os relacionamentos familiares são transformados.

a) O caráter do cristão é transformado pelo Espírito para ser amável.

i. Gálatas 5.22-23 descreve o fruto do Espírito. À medida que você lê essa lista, você considera que o que ela descreve é verdadeiro para o seu lar? As pessoas em sua família vivem unidas em amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, mansidão, fidelidade e domínio próprio?

ii. 1Co 13.4-7 diz que “*o amor é paciente e bondoso, o amor não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*”. Quando você ouviu essa descrição do amor, o que vem à sua mente? Quais áreas precisam ser trabalhadas em sua vida?

b) O casamento cristão deve ser um espelho da união entre Cristo e Sua igreja.

i. Efésios 5.23 diz que o marido deve ser o cabeça de sua esposa. Como você entende esse versículo, e isso é realidade em seu casamento?

ii. Você tem alguma dificuldade particular em ser o cabeça da sua família?

iii. Como cabeça, há coisas que te preocupam sobre sua família? Você percebe quaisquer tendências que considera nocivas?

iv. Efésios 5.23 diz que os maridos devem amar suas esposas como Cristo ama Sua igreja. Como esse tipo de amor fica evidente em sua vida?

v. Como você encoraja sua esposa?

vi. Efésios 5.22 ordena as esposas a se submeterem a seus maridos. Você se esforça para praticar isso em seu casamento? Você mostra respeito por seu marido? Isso é fácil para você? Por que ou por que não?

vii. Como mulher, você encontra satisfação em sua vocação de esposa e mãe? Quais são alguns dos desafios que você enfrenta em seu papel?

viii. Vocês são capazes, como marido e mulher, de comunicar um com o outro sobre suas vidas em comum como cristãos? Há uma verdadeira unidade de fé? Vocês oram juntos?

ix. O que vocês fazem para edificar o casamento? Ou vocês simplesmente vivem à deriva esperando que as coisas se sustentem?

x. Vocês diriam que ainda existe uma faísca de romance entre vocês?

xi. Há um momento específico, todos os dias, em que vocês dão atenção exclusiva um ao outro?

xii. Vocês possuem um acordo sobre as questões financeiras?

xiii. Vocês tomam as decisões mais importantes juntos?

xiv. Há algum conflito em curso na família que ainda precisa ser resolvido? Você está trabalhando para resolvê-lo? Como?

c) A relação entre pais e filhos.

- i. De forma geral, as crianças e adolescentes mostram respeito pelos seus pais?
- ii. Existem áreas específicas de conflito entre pais e filhos?
- iii. Existe comunicação aberta entre pais e filhos?
- iv. Os pais são capazes de dialogar com seus filhos sobre os mais profundos assuntos da vida? Existe conversa sobre a fé e a piedade?
- v. Os pais creem que estão dando seu máximo para educar os filhos no conhecimento e temor do Senhor?
- vi. Os pais evitam provocar seus filhos à ira?
- vii. Como você disciplina seus filhos?
- viii. Você ora por seu pai e sua mãe? Por seus filhos?
- ix. Os adolescentes são dispostos a fazer seu trabalho dentro do contexto familiar?
- x. Pais e filhos são capazes de se divertir juntos?
- xi. A família planeja momentos para fazer alguma coisa juntos?
- xii. Como vocês lidam com os familiares que estão errantes na fé e na vida? Ainda há alguma ligação com eles? Há possibilidade de contatá-los? Quando surge uma oportunidade, estas coisas são conversadas abertamente?

4. A relação entre o seu lar e a igreja.

Como cristãos, somos membros da família de Deus. Isto significa que cada um de nossos lares está ligado à comunidade da Igreja. Há um fluxo de vida e energia de sua casa para a igreja e vice-versa.

- a) Você tem contato social frequente com outros membros da igreja?
- b) Você convida outras pessoas para sua casa e também recebe convite para ir a outros lares?
- c) Você está sempre com o mesmo grupo de amigos ou se esforça para ser mais inclusivo?
- d) De quais maneiras você se esforça para mostrar hospitalidade aos outros membros da igreja e àqueles que estão visitando?
- e) De quais maneiras você tenta fazer com que sua casa seja uma benção para a igreja?
- f) Como você pode, pessoalmente, contribuir para o bem-estar da congregação?
- g) Você está disposto a servir nos departamentos ou comitês dentro da igreja, se necessário?
- h) Você acha que geralmente consegue viver em comunhão com outros membros da congregação? Existem problemas pendentes?
- i) Você se sente próximo dos irmãos da sua igreja? Por favor, explique mais detalhadamente.

j) Você está feliz com os rumos da congregação? Você tem preocupações a respeito da vida da igreja? Quais seriam?

k) Você acha que o ministério da igreja te ajuda a construir uma vida familiar mais sólida?

5. A relação entre o seu lar e o mundo.

Deus diz que os cristãos estão neste mundo, mas não são deste mundo. Somos advertidos pela Escritura a não colocar o nosso coração nas coisas deste mundo. Para termos uma boa vida familiar precisamos manter uma barreira de proteção entre nós e o mundo. Ao mesmo tempo, somos chamados a cumprir uma missão aqui.

a) Como você se esforça para manter a sua casa livre da contaminação do mundo?

b) Como você lida com os perigos que alcançam os lares cristãos por meio da música popular?

c) Você reconhece os perigos presentes na internet? Como você se protege no tocante ao uso da internet? Você tem algum tipo de filtro? Como você se responsabiliza em relação a isto?

d) Quanto espaço a televisão ocupa em sua vida? Você tem sido um bom mordomo de seu tempo nesse quesito? Você reconhece que a televisão pode minar a fé e a moral cristãs?

e) Você reconhece os perigos do materialismo? Como você protege a sua casa contra os ataques do materialismo?

f) Conte-nos sobre o papel dos esportes em sua vida. Você acha que a quantidade de tempo que você gasta nesta área é justificável?

g) Conte-nos sobre sua vida profissional. Você gosta de seu trabalho?

h) Você tem respeito por seus colegas de trabalho?

i) Você busca maneiras de alcançar aqueles que não creem em Cristo?

j) Como é para você estar na faculdade, onde o espírito de incredulidade parece governar a sala de aula e todos os outros aspectos da vida universitária? Você acha difícil ser um cristão nesse ambiente? Em que áreas você está tendo dificuldades? Você já usou alguns dos recursos cristãos disponíveis para te fortalecer como cristão no campus?

k) Você vota nas eleições? Você já se envolveu com a política? Você se manifesta em relação ao aborto, à redefinição de casamento e outras questões sociais?

l) Você procura se manter informado sobre os eventos correntes e sobre as questões políticas relacionadas ao governo?

m) Você dispensa atenção a ARPA (Association for Reformed Political Action)?² Se não, você acha que seria uma boa coisa?

n) Você procura oportunidades para compartilhar o evangelho com os seus vizinhos?

o) Você procura oportunidades para servir a comunidade em geral?

p) Você já compartilhou a sua fé com um não-cristão? Como foi isso? Quais obstáculos você encontrou?

q) Você teria coragem de convidar alguém para ir à igreja com você?

6. Lutas específicas no lar.

Algumas das experiências da vida exercem forte pressão nos lares. Isto inclui, por exemplo, a infertilidade, a doença, o luto, a solidão, a depressão, o medo e a ansiedade.

a) Conte-nos sobre sua saúde. O que os médicos dizem sobre você? Você faz uso de algum medicamento? Quais são os efeitos colaterais?

b) Você sente que está fazendo tudo o que pode para ser ou se tornar saudável?

c) Você ora a Deus sobre sua saúde? Você sente que o Senhor ouve essas orações?

d) Sua família e igreja te apoiam? As pessoas podem te ajudar de forma melhor?

e) Você é capaz de aceitar seus problemas de saúde como vindos da mão do Senhor? Você às vezes fica irado contra o Senhor?

f) Você acredita que Deus pode te trazer coisas boas por meio da doença? Quais poderiam ser essas coisas?

g) Quais tentações particulares você enfrenta como alguém com problemas de saúde?

h) Você aguarda com ansiedade o Rei-

no de Deus quando não existirá mais enfermidade? Você acredita que desfrutará a alegria do Reino de Deus?

i) Você tem experimentado perdas. Como você se sente nesse momento? Você tem encontrado alguma medida de conforto ou cura? Existe alguma atividade difícil para você por conta deste sofrimento? Você ainda pode confiar em Deus em meio a esta dor? Você sente que Ele está perto de você? Você tem firme esperança pela ressurreição do corpo e pela vida eterna? Você possui um bom suporte de entes queridos e amigos, bem como de toda a igreja?

j) Você está solitário. Você é apto a orar sobre isso? Você pede a Deus que te dê um amigo ou um namorado/namorada ou cônjuge? Você confia que Deus é tão grande que pode te alegrar em meio à solidão? O que você está fazendo para superar a solidão?

k) Você está lidando com questões relacionadas ao bem-estar da sua mente. Você já consultou um profissional neste assunto? Você está tomando alguma medicação? Você está abrindo o seu coração a Deus em relação a isto? Você busca a força dEle e a paz e o conforto que Ele promete? Você crê que a Sua graça te é suficiente? Você acha a comunidade da igreja solidária às suas lutas?

Tradução: Ester Santos e Beatriz Schmitz
Revisão: Arielle P. F. de Eça

O Pr. **ROB SCHOUTEN** é ministro da Palavra da Igreja Reformada em Aldergrove (Canadá).

Nota:

1 Em muitas igrejas reformadas, o Conselho decide tratar de um assunto específico durante as visitas pastorais anuais. E por vezes uma carta é direcionada aos membros a fim de que se preparem para essas perguntas. Este texto é uma dessas cartas com base no tema “Cristo em seu lar”. Compartilhamos o texto na esperança de que seja útil aos membros das igrejas como uma ferramenta para o auto-exame, e também esperamos que dê aos presbíteros e ministros da Palavra uma ideia de perguntas que podem ser feitas durante as visitas pastorais anuais. Obviamente numa visita não são feitas todas essas perguntas, e tão pouco precisam ser

feitas com as mesmas palavras usadas aqui. Mas este conjunto de perguntas pode ser útil aos presbíteros, dando-lhes uma ideia de que temas podem tratar. [N. do E.]

2 Refere-se a Associação para Ação Política Reformada. É uma iniciativa de membros das Igrejas Reformadas Canadenses que descrevem a missão da associação da seguinte forma: A missão da ARPA Canada é educar, equipar e encorajar os cristãos Reformados para a ação política e iluminar a luz da Palavra de Deus aos governos municipais, provinciais e federais do Canadá. Visite o site: <https://arpacanada.ca>.

R E V I S T A
D I A K O N I A

"SERVINDO A QUEM FOI CHAMADO A SERVIR."



INSTITUTO
JOÃO CALVINO



*Toda semana publicamos novos artigos em revistadiakonia.org.
Visite o site, inscreva-se em nosso Informativo e receba notificações sobre
novas publicações.*